

RECORTES DE IMPRENSA

JULHO 2020



Inscrições abertas para o Prémio APAV para a Investigação 2020



Tânia Cova 06 jul 2020 14:00



Estão abertas, até 31 de Julho, as candidaturas para o Prémio APAV para a Investigação 2020. É a sexta edição do prémio promovido pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, com o apoio da Fundação Montepio.

O Prémio APAV para a Investigação destina-se a premiar trabalhos de investigação científica sobre temas ou problemas relacionados com a missão da APAV, nomeadamente: apoiar as vítimas de crime, suas famílias e amigos/as, prestando-lhes serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais e contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima.

MAI avança com apoio de mais de 200 mil euros à APAV e ao IAC

O Ministério da Administração Interna anunciou que vai apoiar a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e o Instituto de Apoio à Criança com um valor de 202.500 euros.



O Ministério da Administração Interna (MAI) anunciou esta quarta-feira que vai apoiar a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e o Instituto de Apoio à Criança (IAC) com um valor de 202.500 euros.



Em nota enviada à comunicação social, o MAI especifica que à **APAV será atribuído o valor de 130 mil euros**, no âmbito de um protocolo celebrado em dezembro de 2018 e uma adenda de janeiro de 2019, enquanto que o **IAC beneficiará de um suporte financeiro de 72.500 euros**, valor que se insere no âmbito de um protocolo assinado em 2004.

[Sugestões?](#)

O MAI explica que o apoio à APAV permitirá que a associação “reforce o seu trabalho em áreas de relevância no âmbito da Administração Interna, nomeadamente o atendimento às vítimas de crime, a consolidação da Linha de Apoio à Vítima, o alargamento dos procedimentos de avaliação do risco de violência a grupos particularmente vulneráveis, a prevenção e combate à radicalização online”.

Já quanto ao IAC, poderá desenvolver o projeto Rua “Em Família Para Crescer”, que visa contribuir para a diminuição do número de crianças e jovens em risco e/ou perigo, promovendo a sua reinserção social, e o projeto SOS Criança, que visa dar voz às crianças, jovens e famílias, garantindo-lhes o direito à palavra, apoio e proteção.

O MAI esclarece ainda que as verbas em causa são provenientes da afetação ao Ministério da Administração Interna de uma percentagem dos resultados líquidos de exploração dos jogos sociais da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

MAI avança com apoio de mais de 200 mil euros à APAV e ao IAC

Em nota enviada à comunicação social, o MAI especifica que à APAV será atribuído o valor de 130 mil euros, enquanto que o IAC beneficiará de um suporte financeiro de 72.500 euros

2020-07-15 13:27

LUSA / CE



O Ministério da Administração Interna (MAI) anunciou esta quarta-feira que vai apoiar a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e o Instituto de Apoio à Criança (IAC) com um valor de 202.500 euros.

Em nota enviada à comunicação social, o MAI especifica que à APAV será atribuído o valor de 130 mil euros, no âmbito de um protocolo celebrado em dezembro de 2018 e uma adenda de janeiro de 2019, enquanto que o IAC beneficiará de um suporte financeiro de 72.500 euros, valor que se insere no âmbito de um protocolo assinado em 2004.

O MAI explica que o apoio à APAV permitirá que a associação **"reforce o seu trabalho em áreas de relevância no âmbito da Administração Interna, nomeadamente o atendimento às vítimas de crime, a consolidação da Linha de Apoio à Vítima, o alargamento dos procedimentos de avaliação do risco de violência a grupos particularmente vulneráveis, a prevenção e combate à radicalização online"**.

Já quanto ao IAC, poderá desenvolver o projeto Rua **"Em Família Para Crescer"**, que visa contribuir para a diminuição do número de crianças e jovens em risco e/ou perigo, promovendo a sua reinserção social, e o projeto SOS Criança, que visa dar voz às crianças, jovens e famílias, garantindo-lhes o direito à palavra, apoio e proteção.

O MAI esclarece ainda que as verbas em causa são provenientes da afetação ao Ministério da Administração Interna de uma percentagem dos resultados líquidos de exploração dos jogos sociais da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.



CIG

COMISSÃO PARA A CIDADANIA
E A IGUALDADE DE GÉNERO
Presidência do Conselho de Ministros

APAV promove o seminário “Projeto Counter@ct: prevenção e combate à radicalização online”, no dia 24 de setembro

2020/07/26



24 setembro
lisboa
edifício sede
da polícia judiciária

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima – APAV promove, no dia 24 de setembro, o seminário final do “**Projeto Counter@ct: prevenção e combate à radicalização online**”.

O evento vai apresentar os trabalhos desenvolvidos pela APAV e seus parceiros nacionais e europeus. Na Conferência terão lugar três sessões plenárias nas quais oradores/as com experiência reconhecida irão partilhar o seu conhecimento em diversas matérias ligadas ao apoio às vítimas de terrorismo, no papel da comunicação e das narrativas na prevenção dos referidos fenómenos, bem como no papel das organizações da sociedade civil na construção destas estratégias de comunicação. Será ainda realizada uma mesa redonda na qual representantes de diversas autoridades nacionais discutirão as sinergias na prevenção e no combate aos fenómenos.

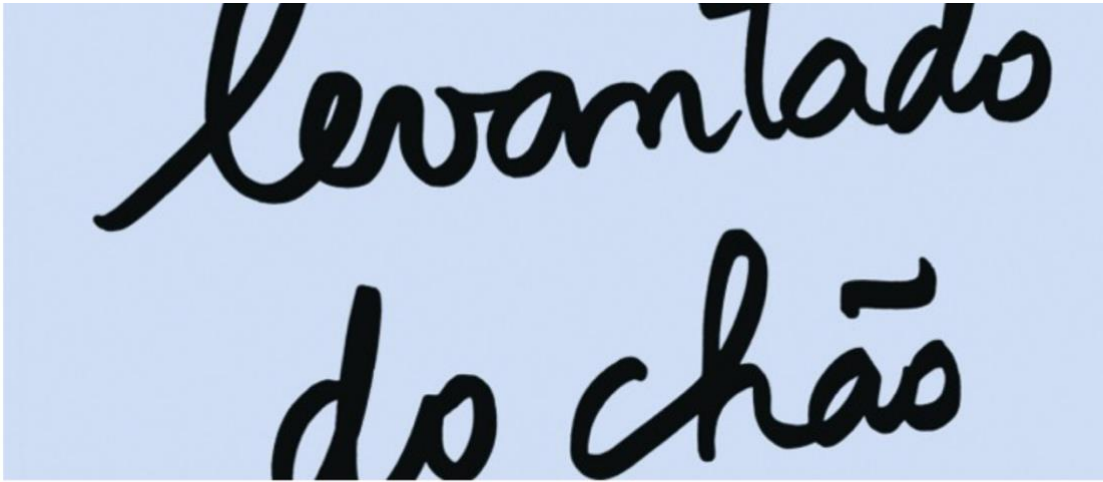
Para participar no Seminário Counter@ct, inscreva-se em: <https://bit.ly/3hyWxEY>

Para mais informações, aceda em: <https://bit.ly/30HdSoh> ou contacte: andrecaipinelli@apav.pt

PUBLICADO EM: DIVULGAÇÃO



Fundação
José Saramago



15/07: Debate sobre o trabalho da APAV e leitura de excertos do romance “Levantado do Chão”

🕒 7 Julho, 2020 🗨️ 0

No próximo dia 15 de julho (4.ª feira), às 18h30, a FJS acolhe uma leitura de excertos do romance «Levantado do Chão», de José Saramago, pela voz da atriz Mafalda Santos, seguida de um debate sobre o trabalho realizado pela APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima). Participam na conversa: Raquel Simão, gestora do Gabinete da APAV de Oeiras e Directora Técnica do Centro Temporário de Acolhimento de Emergência para mulheres vítimas de violência doméstica, e Sérgio Machado Letria, diretor da FJS.

A atividade integra o programa organizado em conjunto entre a FJS e a APAV para assinalar os 30 anos da associação. Até ao final do mês estará patente no auditório FJS uma exposição que reúne campanhas de sensibilização contra a violência promovidas por esta associação.

A entrada à sessão é livre, sujeita à lotação da sala*. Confirme a sua presença na conversa através do email: mkt@apav.pt.

** A capacidade do auditório está reduzida a 35 pessoas. A FJS cumpre com todas as diretrizes da DGS*

Número de pessoas apoiadas pela APAV na região mais que duplicou em três anos

01/07/2020 Sandra Teixeira Destaque, Região



O número de pessoas apoiadas pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), na região do Tâmega e Sousa, mais que duplicou em três anos, segundo dados divulgados pela organização.

Em 2019, foram apoiadas 400 pessoas, mais 213 que em 2017, ano em que foram atendidas 187 pessoas na região.

De acordo com o relatório anual da APAV, relativo a 2018, nos 12 concelhos do Tâmega e Sousa foram apoiadas 288.

Paços de Ferreira lidera a lista da região com maior número de pessoas apoiadas

O concelho que mais se destaca no número de pessoas apoiadas é Paços de Ferreira, com 178 atendimentos em 2019. Aquele concelho registou, em 2018, 127 atendimentos e, em 2017, 61.

Segue-se Paredes, com 72 pessoas apoiadas em 2019, 59 em 2018 e 32 em 2017.

Em Penafiel, foram apoiadas 72 pessoas, em 2019, 13 em 2018 e 18 em 2017.

Marco de Canaveses é o quarto concelho da região com maior número de pessoas apoiadas em 2019, 25, tendo duplicado o número de 2017, onde foram apoiadas 10 pessoas. Naquele concelho, em 2018, foram apoiadas 19 pessoas.

Em Felgueiras, foram apoiadas 24 pessoas, em 2019, mais 12 que em 2017. Em 2018, o concelho registou o apoio a 11 pessoas.

Lousada também duplicou o número de pessoas a necessitaram de apoio, com 23 em 2019, 15 em 2018 e 11 em 2017.

Segue-se Amarante, com 21 pessoas apoiadas em 2019, 22 em 2018 e 16 em 2017.

No concelho de Cinfães, foram apoiadas 13 pessoas, em 2019, mais três que em 2017 (10) e mais seis que em 2018 (seis).

Entre os concelhos com menos pessoas atendidas pela APAV estão Baião, Resende, Celorico de Basto e Castelo de Paiva.

Em Baião, foram apoiadas sete pessoas, em 2019, sete também em 2018 e quatro em 2017.

Em Resende, foram apoiadas cinco pessoas em 2019, três em 2018 e quatro em 2017.

Celorico de Basto e Castelo de Paiva com menos pessoas apoiadas em três anos

Os concelhos de Castelo de Paiva e Celorico de Basto foram os únicos da região que registaram descida no número de pessoas atendidas.

Em Castelo de Paiva foram atendidas três pessoas em 2019, menos duas que em 2018 (cinco) e menos três que em 2017 (seis).

Em Celorico de Basto, foram apoiadas também três pessoas em 2019, menos uma que em 2018 (quatro) e o mesmo número de 2017 (três).

A nível nacional, o documento dá conta da realização de 54.403 atendimentos, em 2019, tendo sido apoiadas vítimas de 273 concelhos.

A maioria dos crimes assinalados diz respeito aos crimes contra as pessoas (95,9%), com especial relevo para os crimes de violência doméstica (79%).

A associação revela, ainda, o apoio a 99 pessoas na sequência de homicídios tentados ou consumados e o apoio a familiares e amigos de 71 vítimas de homicídios consumados.

O relatório anual da APAV divulga dados de crimes contra pessoas, contra o Estado, crimes rodoviários, contra o património, contra a vida em sociedade, contraordenações e outros crimes.

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA NA GALERIA MUNICIPAL DE PROENÇA-A-NOVA ASSINALA 30 ANOS DA APAV

25 jul, 2020



A Galeria Municipal Comendador João Martins, em Proença-a-Nova, inaugurou, recentemente, a exposição de fotografia de Valter Vinagre, que assinala os 30 anos da APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

“Olha” foi o modo como o fotógrafo captou o silêncio das vítimas, retratando o universo do crime de violência em Portugal. Este trabalho pretende alertar e sensibilizar para o papel da APAV e da postura social para um tema tão sensível como o da violência na sociedade, explica em nota a autarquia local.

Na ocasião, João Lobo, presidente da Câmara Municipal, sublinhou que “neste tempo de pandemia, o tema da violência silenciosa no foro privado e a cautela em monitorizarmos aqueles que são mais frágeis, tem de ter uma atenção reforçada por parte das instituições, mas também dos Municípios, pois é nosso dever evoluir naquilo que são as condições de apoio”.

Já para Rita Bessa da APAV, esta exposição “é uma forma de divulgar o nosso trabalho diário, mas também sensibilizar a sociedade sobre a questão da violência. Uma coisa é contar as histórias outra coisa é ouvi-las na primeira pessoa, e, neste caso, o Valter teve essa “oportunidade”. Apesar de apoiarmos todo o tipo de vítimas de crime de violência, aquele que tem mais peso é, sem dúvida a violência doméstica”.

Por sua vez, Valter Vinagre explicou que o conjunto das 17 fotografias revela o “grito que muitas vezes está abafado, mas que muitas vezes continua a ser necessário dá-lo e alertar para as situações que estão por trás destas imagens – toda a violência em sociedade que é exercida”. Para o fotógrafo, “tentei que este trabalho fosse o mais silencioso possível, para que grito fosse muito maior que estas imagens”.

A exposição está patente na Galeria Municipal até 31 de agosto.

Atualidade

Minho

APAV assinala 30 anos de vida com concerto do pianista Jorge Moyano no Theatro Circo

📅 08/07/2020 👤 Redação 0 Comentários 🔍 APAV, Braga, Concerto, Jorge Moyano, Música, Theatro Circo

Assinalando o 30º aniversário da APAV, o pianista Jorge Moyano apresenta um recital no Theatro Circo no próximo dia 10 de julho às 21h30.

Jorge Moyano irá interpretar obras de Chopin, Liszt e Gershwin.

O espetáculo tem um cariz solidário e o valor dos bilhetes reverte para a APAV, para o apoio às vítimas de crime e violência.

Através da música, a APAV brinda a tod@s os que têm partilhado o trabalho e a dedicação destes 30 anos.

APAV concorda com petição que reclama estatuto de vítima para crianças entregue na AR



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) concorda com a necessidade de dar maior proteção às crianças que presenciam crimes de violência doméstica.

No entanto, a APAV receia que a atribuição do estatuto de vítima aos menores, acabe por ser mais um lei que fica por cumprir.

No dia em que chega ao Parlamento, uma petição a reclamar esta mudança legislativa, o secretário-geral da APAV, João Lázaro, lembra que muitas vezes, com boas intenções, são criados diplomas dispersos que só complicam a aplicação da lei no terreno.

VISÃO

MAI avança com apoio de mais de 200 mil euros à APAV e ao IAC



Lusa

O Ministério da Administração Interna (MAI) anunciou hoje que vai apoiar a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e o Instituto de Apoio à Criança (IAC) com um valor de 202.500 euros

Em nota enviada à comunicação social, o MAI especifica que à APAV será atribuído o valor de 130 mil euros, no âmbito de um protocolo celebrado em dezembro de 2018 e uma adenda de janeiro de 2019, enquanto que o IAC beneficiará de um suporte financeiro de 72.500 euros, valor que se insere no âmbito de um protocolo assinado em 2004.

O MAI explica que o apoio à APAV permitirá que a associação “reforce o seu trabalho em áreas de relevância no âmbito da Administração Interna, nomeadamente o atendimento às vítimas de crime, a consolidação da Linha de Apoio à Vítima, o alargamento dos procedimentos de avaliação do risco de violência a grupos particularmente vulneráveis, a prevenção e combate à radicalização online”.

Já quanto ao IAC, poderá desenvolver o projeto Rua “Em Família Para Crescer”, que visa contribuir para a diminuição do número de crianças e jovens em risco e/ou perigo, promovendo a sua reinserção social, e o projeto SOS Criança, que visa dar voz às crianças, jovens e famílias, garantindo-lhes o direito à palavra, apoio e proteção.

O MAI esclarece ainda que as verbas em causa são provenientes da afetação ao Ministério da Administração Interna de uma percentagem dos resultados líquidos de exploração dos jogos sociais da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

BYD // ZO

Lusa/Fim

“Ele matou-me, era para eu estar morta. Mas na minha vida mando eu.” Sílvia, a quem a Rede de Apoio APAV deu a mão

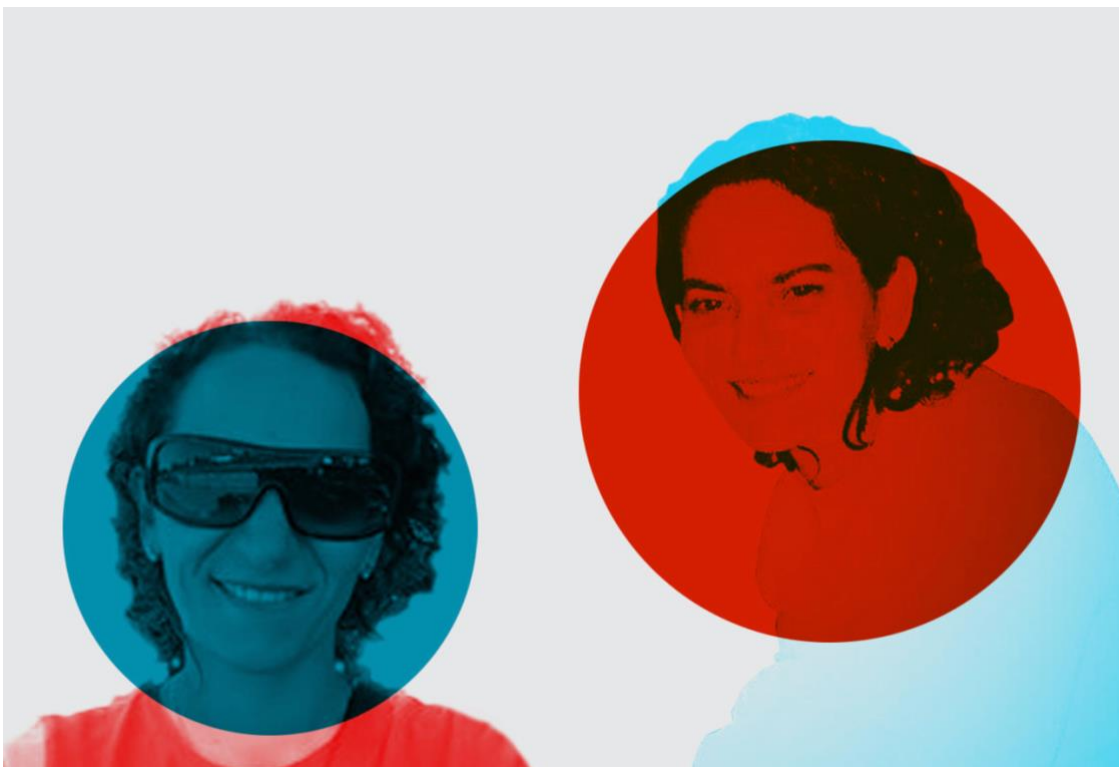
10.07.2020 às 17h55



Sílvia Teixeira, 40 anos, foi espancada quase até à morte por um amigo, que era obcecado por ela. Ficou cega e quase surda. Restou-lhe a voz, com a qual canta Tony Carreira no karaoke. Há dois anos que é acompanhada pela Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio da APAV, que em 2019 viu disparar os pedidos de ajuda, revelou na semana passada a organização. “Eu sobrevivi mas eles é que me salvaram. Encontraram em mim forças que não sabia que tinha. E ensinaram-me a interpretar sinais de perigo: os ciúmes, a perseguição. Se eu soubesse, não lhe tinha dado confiança. E hoje ainda podia olhar para o meu filho”



RAQUEL MOLEIRO



Há pessoas com vidas desavindas com a sorte, mas que ainda assim se levantam após cada queda, apesar de parecer inconciliável com a progressão. Sílvia Teixeira, 40 anos, é tal e qual. Nela, a resiliência ganha poderes reforçados nas provações, como uma heroína dos jogos de consola que fica mais forte e se reinventa depois de ultrapassar um desafio. E mesmo que no fim saia com mazelas, comemora as vitórias a cantar Tony Carreira, tornando vergonhosos os queixumes do dia a dia de quem para ela olha: invisual, com audição diminuída, viúva, mãe de um rapaz de oito anos e estrela de karaoke.

“Nasci com glaucoma, um problema de visão – ou seja já nasci a lutar contra uma perda. Com óculos via a 80%. Diziam que me ia limitar, mas fui fazendo tudo o que queria na mesma. Disseram-me que se calhar não ia tirar a carta, mas tirei; que era difícil ir para a universidade, mas fui”, conta ao telefone, de rajada, numa conversa de duas horas em que pormenorizou todos os altos e baixos desde a infância, sem nunca perder a fita do tempo. Foi preciso recuar tudo para conseguir explicar como chegou há dois anos ao gabinete da Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), no Porto, na única vez em que teve de aceitar ajuda especializada para conseguir avançar.

“Mas já lá chego. Aconteceu tanta coisa antes disso...”. E volta à sua cronologia. Com o curso superior de Educação Física deu aulas durante quatro anos. Até que a falta de visão começou a atrapalhar. O olho direito recuou até aos 10%, o esquerdo ficou-se pelos 30%. “Deixei de conduzir e depois deixei de dar aulas, porque já não conseguia avaliar os miúdos ao longe”, conta. “Tinha 28 anos e fiquei muito desanimada. Sempre fui independente e a liberdade já não era a mesma. Se não tinha carro andava de autocarro, desenrascava-me, mas psicologicamente foi muito duro, ver a vida a dar uma volta, a ficar destruída. A única coisa de que gostava era de cantar num bar de karaoke que havia em Santo Tirso. Ali o tempo passava mais rápido.”

Ali perdeu-se em conversas com Sérgio, o dono, que dava nome ao bar. Ela triste com a perda do trabalho e da visão, ele a ultrapassar um divórcio que o levava a deixar o Luxemburgo e a regressar ao país natal. “Tanta força demos um ao outro que acabámos a lutar juntos. Ele ajudou-me a libertar-me. Fui trabalhar para o bar, tornei-me patroa de mim e três anos depois tivemos um filho”, lembra.

Quando o filho tinha quatro anos, voltaram as provações. Sérgio, o marido, morreu com um cancro do pulmão. Sílvia prometeu-lhe que mantinha o bar. Foi para trás do balcão, mais tarde para a cabina de DJ (que era de Sérgio), foi para o microfone, fazia a limpeza e o marketing. A casa manteve-se cheia, mas o espaço era demasiado grande, 600m² para animar, mais os mil euros da renda, da água e da luz, e a saúde de Sílvia a ceder. “Perdi a vista direita, a pupila secou. Fiquei só com a esquerda a 30%. Aguentei um ano e meio a casa aberta e depois mudei para um espaço mais pequeno, em que conseguia ir para a caixa e para o karaoke. Tinha de avançar com a minha vida.”

A 9 de dezembro de 2017 abriu o novo bar, em Pedome, Vila Nova de Famalicão – chamou-lhe “Sempre Kontigo”, sempre com o Sérgio, “noutro espaço mas sempre com ele”. Os antigos clientes também revelaram fidelidade e ao fim de semana enchiam-lhe a casa. “Eram 80 ou 90 pessoas lá dentro, tudo a cantar, dedicava músicas, havia slows para os casais, canções para os solteiros, era muito familiar”, descreve Sílvia. Só nesses dias não conseguia dar conta do recado sozinha – ela assegurava a cabina de DJ e a caixa, havia um homem na porta, que conhecia as gentes dali, e uma empregada no bar. “Um dia a rapariga foi-se embora, e o porteiro passou também para o balcão. Era um empregado e um amigo, mas começou a pressionar-me para ter um relacionamento com ele, para olhar para ele de outra maneira e eu não queria, tinha o meu filho, a minha casa para cuidar, e achava-o irresponsável, não me cativava”, recorda.

Horácio Fernandes, de 43 anos, operário numa fábrica de metalomecânica, era obcecado por Sílvia. Ela notava-lhe os ciúmes, a presença demasiado constante no bar, diária, apesar de só lá trabalhar ao fim de semana, as conversas que iam sempre dar ao mesmo, mas desvalorizava. Não queria alimentar discussões, apesar dos “Estás a falar com quem? É com um homem?” ou dos “Porque é que esticaste o cabelo? Já sabes que eu não gosto”.

Ela também já não estava a gostar daquilo, nem do trabalho até às tantas da manhã, do tempo escasso que passava com o filho, Fábio. Seis meses depois de abrir o bar, publicou um anúncio para o vender. “Foi aí que as coisas se agravaram. Comecei a senti-lo mais ansioso, e que depois não me via, e como é que ia ser, a insistir mais, a dizer que ia cair numa depressão, num esgotamento. Todos os dias esperava lá fora para me ver fechar o bar, porque podia precisar de boleia. Eu chegava a dormir lá dentro só para não depender dele”, explica.

No dia 3 de julho de 2018, Sílvia foi cedo para o bar, com o pai. Era terça-feira, dia calminho, e à tarde havia jogo do mundial – Uruguai vs. França. O telemóvel deu sinal de mensagem. Era ele: ‘Já sei que estás no bar e que estás com o teu pai’. “Lembro-me de ter pensado: ‘agora até me controla durante o trabalho’. Depois começou a dar-me toques, a ligar-me e eu não atendi. Tinha falado com ele no dia anterior e não tinha corrido bem, porque estava com ciúmes de um senhor que estava interessado em comprar o bar, e eu disse-lhe para não se meter na minha vida. Já não estava para aturá-lo, tinha de acabar com aquela situação.”

Às 17h15 apareceu-lhe à porta. “Deve ter voado desde a fábrica.” Sílvia já estava sozinha, o cabelo pintado e alisado durante a folga. Horácio queria continuar a conversa da noite anterior, e ela a dar-lhe para trás. “Ele estava muito stressado, bufava. E eu não estava para ouvir disparates, no meu trabalho. ‘Quanto mais me pressionas pior, daqui a nada nem amigos somos e deixas de trabalhar aqui. Não estou interessada em ti’, disse-lhe eu. E depois fui para dentro do balcão fumar um cigarro e com o telemóvel no facebook para ver se ele se ia embora”, recorda.

Ele não foi. “Entrou pelo balcão pelo meu lado direito e eu não me apercebi. Primeiro deu-me uma pancada com uma garrafa de cerveja no ouvido direito – eu já ouvia mal do esquerdo e ele sabia. Os óculos saltaram, ouvi-os a deslizar pelo chão. Tento perceber o que aconteceu e vejo-o mesmo à minha frente. Foi então que me deu um soco na vista esquerda, a única de onde via. Senti-a rebentar. Senti-a a inchar, inchar, e ficou tudo preto até hoje. Fiquei cega.”

O ataque continuou e ela na escuridão. Sentiu as mãos dele no pescoço, pressionado contra o balcão do bar. “Como fiz sempre desporto vali-me da força. Fui aliviando os dedos como podia, mas ele deitou-me de cara no chão, bateu-me na parte de trás da cabeça com o manípulo da máquina do café, depois virou-me de frente para ele. Já estava muito cansada, pensei que me ia violar. Implorei-lhe que não me matasse, que o meu filho já não tinha pai, que eu não o denunciava se ele parasse, que andava com ele se era isso que ele queria... E ele só disse: “Não andas comigo, não andas com mais ninguém.” A seguir pegou num saco de plástico para me asfixiar, tentou por-me líquido de limpeza pela boca abaixo e eu a debater-me. Foi então que pegou no pau de vassoura cortado ao meio que eu tinha no balcão para autodefesa, encostou-mo ao pescoço e apertou contra o chão, e apertou mais. Comecei a perder os sentidos, a ver tudo verde. Lembrei-me de pensar: ‘É assim que se morre sem ar. Foi assim que o meu marido morreu. Deu três suspiros e morreu’. E eu então fingi a minha morte.”

Deixou o pescoço cair para o lado e ao mesmo tempo que parou de fazer força desmaiou involuntariamente “mas com ar nos pulmões”. Depois da agressão, Horácio fechou o bar à chave, fechou as janelas e partiu. Com ele levou 80 euros em moedas da registadora, 200 em notas que Sílvia tinha no bolso das calças para pagar ao fornecedor de café e o telemóvel dela.

Ficou hora e meia ali caída. Quando acordou, sem ver, não sabia se ele estava ali a olhar para ela ou se tinha saído. E quase não ouvia também. Ganhou coragem e pôs-se de pé e foi apalpando tudo. O telefone fixo desligado, o telemóvel não o encontrou. Foi até às janelas, mas eram gradeadas, a porta também. “Comecei a gritar e a voz saía tão baixinha. Mas o vizinho da casa ao lado ouviu-me e chamou o 112. Disseram-lhe que já ia a caminho. O Horácio tinha contado ao patrão o que fez, disse-lhe que matara a namorada e precisava de dinheiro para fugir, e ele tinha chamado a polícia.”

Sílvia foi encaminhada para o hospital de Braga, com uma orelha praticamente separada do rosto que foi possível recuperar. Ouve com dois aparelhos, mas a visão ficou irrecuperável. “Quando a médica tirou o penso do olho, eu não vi nada, nem uma luzinha. Três cirurgias depois teve de ser extraído.”

Evolução do número de utentes apoiados/as



O caso foi entregue à Polícia Judiciária. O inspetor responsável perguntou a Sílvia se não queria ser seguida na APAV. “Estava cega, viúva, com um filho de seis anos. Mal não faria, pensei. Foi a minha salvação. Eu sobrevivi mas eles é que me salvaram. Encontraram em mim forças que eu não sabia que tinha. E depois deram-me armas de defesa. Ensinaaram-me a interpretar sinais de perigo: os ciúmes, a perseguição. Se eu soubesse, nunca lhe tinha dado confiança. E hoje ainda podia olhar para o meu filho.”

Sílvia é uma das 632 pessoas acompanhadas, desde 2013, pela Rede de Apoio a Familiares e Amigos de Vítimas de Homicídio e de Vítimas de Terrorismo da APAV, uma estrutura nacional com valências sociais, psicológicas e jurídicas que intervém no restabelecimento da vida pré-vitimização. E os pedidos de ajuda não param de crescer. O relatório de 2019, divulgado na semana passada, revela que 62 homicídios (44 consumados e 18 na forma tentada), praticados por 71 agressores, levaram até à APAV 99 familiares e amigos de vítimas, e também sobreviventes.

A maioria dos pedidos de apoio (71) surge associada a homicídios consumados, um absoluto recorde: desde a criação da rede que nunca tinham sido ultrapassados os setenta casos. Na sequência de tentativas de homicídio, a APAV apoia principalmente sobreviventes, como Sílvia, e no caso de homicídios consumados predominam os filhos (49%), os pais (16%) e os irmãos (13%).

“São fora de série. Fazem uma pessoa renascer - senti mesmo isso. Vinham à minha casa, davam-me o número pessoal, estiveram comigo do princípio ao fim do julgamento, foram minhas testemunhas na parte psicológica. Percebiam sempre o que eu estava a sentir, encorajavam-me, orientavam-me no dia a dia, festejavam cada conquista, cada vitória. E não era fácil. Eu sentia-me presa dentro do meu corpo, fecharam as portas e apagaram as luzes. Como ia ser mãe para o Fábio? E como mulher, quem ia querer uma cega que não pode fazer nada? Mas desistir não é comigo e eles perceberam isso. Sinto-me orgulhosa na pessoa que sou. Ele matou-me, era para eu estar morta. Mas na minha vida mando eu.”

Horácio foi detido pela PJ em agosto de 2018, quando procurou tratamento hospitalar devido a uma infecção grave num pé. Em outubro, o Tribunal Judicial de Guimarães condenou-o a 6 anos e cinco meses de prisão, por homicídio na forma tentada e roubo. Terá ainda de pagar 50 mil euros à vítima, por danos não patrimoniais. Aguarda a decisão do recurso em prisão domiciliária.

Sílvia ficou com 97% de incapacidade. Totalmente invisual, usa dois aparelhos para assegurar a audição. Na ACAPO aprendeu a andar de bengala e a viver menos presa na sua escuridão. Fábio é quem melhor conduz a mãe, e ela lida com ele apoiada nas memórias visuais. Durante o confinamento assistia às aulas da telescola para lhe tirar todas as dúvidas e poder corrigir os trabalhos de casa que o filho lia em voz alta. “Há sempre forma de dar a volta.”

O karaoke voltou a servir-lhe de amparo. Regressou com os amigos ao Sergio's, agora como cliente, e tornou-se presença assídua no microfone. Canta as dores através do ‘Quem Será’, do Tony Carreira, e a raiva pelo ‘Falso Homem’, dos Solitários. “É a minha botija de oxigénio”, garante Sílvia. Vive em casa dos pais, mas o agregado ganhou recentemente um novo elemento. “Já o conhecia do karaoke, ia às minhas casas e voltei a reencontrá-lo. Mas estamos a levar tudo com muita calma. Não estava nada à espera disto. Não estava nada à espera de ser feliz outra vez”.

Conferência PROVÍTIMAS

o papel do Ministério Público na promoção dos direitos das vítimas

**CONFERÊNCIA
PROVÍTIMAS**

O PAPEL DO MINISTÉRIO PÚBLICO
NA PROMOÇÃO DOS DIREITOS DAS VÍTIMAS

 Este projeto é co-financiado
pelo Programa Justiça
da União Europeia 2014-2020

CULTURGEST, LISBOA
15/16 SETEMBRO 2020

APAV
Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
30 Anos
PELOS DIREITOS
DAS VÍTIMAS



A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima – APAV promove, nos dias 15 e 16 de setembro, a Conferência PROVÍTIMAS: o papel do Ministério Público na promoção dos direitos das vítimas.

Neste evento que decorrerá na Culturgest, em Lisboa, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima – APAV, e os seus parceiros visam apresentar os resultados e produtos do Projeto PROVÍTIMAS, mas também criar um espaço baseado no conhecimento para a troca de boas práticas e para avançar recomendações sobre como promover os direitos das vítimas.

A Conferência irá reunir organizações da sociedade civil, Academia, Forças de Segurança, autoridades judiciais e decisores políticos de toda a Europa, constituindo uma oportunidade única para aprender sobre práticas transnacionais e debater acerca de como os serviços do Ministério Público podem ter impacto nos direitos das vítimas.

Os lugares são limitados. Inscreva-se em: apav.pt/provictims.

Para mais informações, contacte a APAV através de: mkt@apav.pt.

EVENTOS, EXPOSIÇÕES

OLHA – EXPOSIÇÃO DE VALTER VINAGRE

7 DE JULHO, 2020

“OLHA – EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA DE VALTER VINAGRE”

Inauguração: —

Início: 18 de julho de 2020

Término: 31 de agosto de 2020

Local: Galeria Municipal de Proença-a-Nova, Parque Urbano Comendador João Martins, Largo Chão D’Ordem, 6150-523 Proença-a-Nova

Entrada: livre

Curadoria: —

Coordenação: —

Informações adicionais: [notícia no site da APAV](#)

Horários: —



Petição que reclama estatuto de vítima para crianças entregue hoje na AR

LUSA

22-07-2020 10:03h

Os defensores da aprovação do estatuto de vítima para crianças inseridas em contexto de violência doméstica entregam hoje no parlamento uma petição pública com mais de 44 mil assinaturas para que o parlamento volte a discutir o tema.

O texto que sustenta a petição e que será entregue ao presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, refere que os estudos demonstram que “as crianças que assistem a episódios de violência na família, e que vivenciam ambientes violentos no seu dia a dia, desenvolvem várias patologias, físicas e psíquicas”, o que afeta o seu desenvolvimento.

Nesse sentido, entendem que a legislação existente não protege as crianças, considerando que “urge por isso aprovar medidas legislativas urgentes que respondam a essa necessidade, garantindo às crianças vítimas esse estatuto legal, o qual, infelizmente, já corresponde ao seu estatuto real”.

A petição é subscrita pela presidente honorária, Manuela Eanes, e da atual presidente, Dulce Rocha, do Instituto de Apoio à Criança, pelo antigo ministro da Administração Interna Rui Pereira, pelo advogado Garcia Pereira, mas também por associações como a Associação Dignidade, Associação de familiares e amigos/as de Vítimas de femicídio- ACF, Associação Das Mulheres Contra A Violência, Mulheres De Braga, Associação Abraço ou a UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta.

A discussão pode assim regressar menos de um ano passado sobre o chumbo em dezembro de 2019 no parlamento de projetos de lei do Bloco de Esquerda e do PAN nesse sentido. Já em maio deste ano o parlamento voltou a debater o tema, a propósito da proposta do Governo para rever o regime jurídico de prevenção da violência doméstica, estando a matéria a ser trabalhada em sede de especialidade.

Ouvida pela Lusa em junho, a Associação de Apoio à Vítima (APAV) defendeu que uma criança deve ser considerada vítima de violência doméstica quando é exposta ao crime e não apenas quando é o destinatário principal da violência exercida, mas criar um estatuto autónomo não é necessariamente a solução.

“Para nós sempre foi essencial que a criança seja considerada uma vítima de violência doméstica. Não só, como é óbvio, quando é vítima e destinatário primeiro dessa violência, mas também quando é exposta a essa violência. A nossa questão prende-se com haver uma falta de visão integrada do ponto de vista legislativo dos vários tipos de vítimas, dos vários tipos de direitos e de haver muitas vezes apenas a legislação do momento, do impulso, e que isso, em última análise, acaba por tornar menos operacional a lei”, disse o presidente da APAV, João Lázaro.

“Para nós é óbvio que a criança exposta deve ser protegida pela lei. Deve ser, de um ponto de vista da lei que proteja as vítimas de crime e não de começarmos a colecionar estatutos ou a fazermos anexos de estatutos ou ‘puxadinhos’ de estatutos”, disse João Lázaro, que entende que é preciso “pensar nas vítimas de crime face às suas necessidades conforme o tipo de crime do ponto de vista mais integrado, e até mais holístico, do sistema de justiça”.

A pandemia escondida

1 mês ago — Em Opinião — Por Luis Martinho

Não eram precisos dados para concluir que a pandemia Covid-19 teria intensificado a violência doméstica, ainda assim eles existem por parte da CIG¹, APAV² e OMS³.

Os dados confirmam o expectável, que a maioria de vítimas são em geral mulheres, crianças e jovens, estando os dados ainda incompletos, pois muitas situações não são denunciadas.

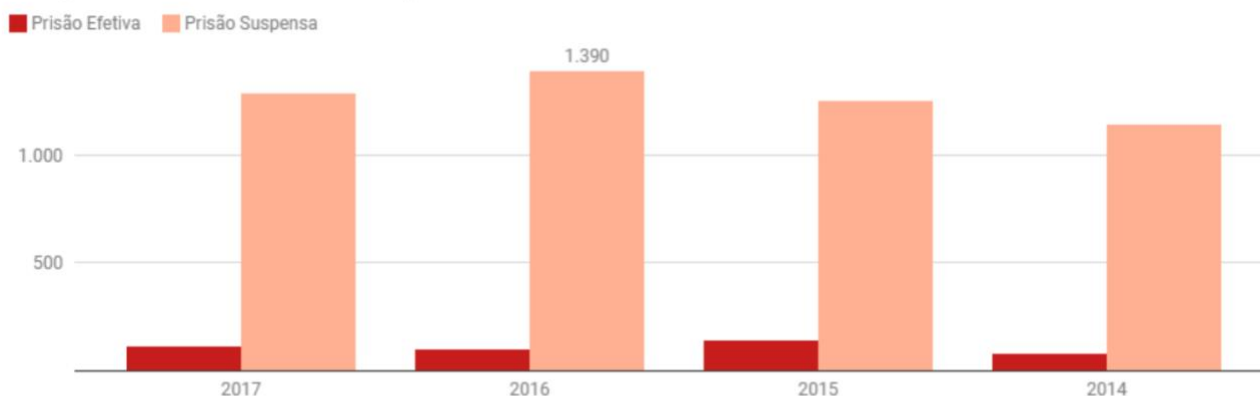
Em 2019 A Violência doméstica representou 79% dos crimes cometidos contra pessoas, vida e integridade física, e de longe o crime com mais pedidos de ajuda na APAV.

Vivemos num mundo em que a construção social do que é ser Homem e Mulher, se torna uma barril de pólvora para este fenómeno, em que desde crianças somos educados para o “amor sacrifício”, sem nunca desconstruir que todas as relações sociais são relações de poder, incluindo as afetivas, e os dados mostram o óbvio, o facto de o poder ter sido sempre masculino e branco, leva a que as vítimas sejam em regra as suas companheiras, pois o domínio começa em casa, os graus de escolaridade e económicos também mostram que parece haver um padrão em que a dominação económica leva à dominação física.

No caso dos homens vítimas de violência, o fenómeno é diferente, pois não tem um sistema que a legitima, e a vergonha leva a que muitos casos não sejam reportados.

O Edifício Jurídico pode certamente ser melhorado, mas quando chegamos à queixa a vítima já está a caminho do cemitério, pelo que é preciso intensificar a prevenção, sem descurar naturalmente a punição, até porque **em regra a punição é a pena suspensa na execução, sem prisão efetiva.**

Evolução anual do número de condenados por violência doméstica entre 2017 e 2014.



Por prisão suspensa considera-se: prisão suspensa simples, prisão suspensa com regras de conduta, prisão suspensa com regime de prova e prisão suspensa com sujeição a deveres.

Dados da Direção de Serviços de Estatística da Justiça e Informática (DSEJI) do Ministério da Justiça relativa às condenações em Portugal, relativa ao período de 2014 até 2017 ⁴

Em meu entender, **a pena máxima é curta, o que favorece a pena suspensa** ainda que com normas de conduta como programas de sensibilização parece pouco para um crime que termina muitas vezes com a morte da vítima, e é a porta de entrada para outros crimes. É necessário um aumento da censura social , e **também o aumento do limite máximo de 5 para 8 anos, para não ficarmos dependentes de uma tragédia para haver prisão efetiva e medidas de coação mais duras.**

Até para garantirmos a prevenção, num crime que em regra é continuado e de grande reincidência, pois em regra o autor, tem um grande ascendente sobre a vítima, exercendo um domínio absoluto, que aumenta em tempos de crise e confinamento, pelo desgaste emocional e pela situação de dependência que pode aumentar, onde a vítima nem sempre tem força para quebrar o ciclo.

Deveria também nas escolas haver uma disciplina/formação para as questões afetivas, pois apenas formamos autómatos produtivos, muitas vezes analfabetos emocionais, que não sabem lidar com a rejeição, nem com a frustração, até porque vivemos numa sociedade que cria o culto do eu, e que pode trazer consequências nefastas, ceifando vidas. **O “amor” também se ensina, ele tem várias cores, nunca tem é violência nem pode acabar no cemitério ao invés do altar.**

Luís Martinho

CULTURA

Jorge Moyano actua no Theatro Circo esta sexta-feira



Para assinalar o 30º aniversário da APAV, o pianista Jorge Moyano apresenta, esta sexta-feira, 10 de Julho, pelas 21h30 um recital no Theatro Circo, em Braga.

O espetáculo, em que Jorge Moyano interpretará obras de Chopin, Liszt e Gershwin, é de cariz solidário e o valor dos bilhetes reverte para a APAV, para o apoio às vítimas de crime e violência.

Através da música, a APAV brinda todos aqueles que têm partilhado o trabalho e a dedicação destes 30 anos.



Sofia Ribeiro participou num bazar solidário cujas receitas revertem a favor da APAV

📅 1 JULHO, 2020 / 📰 NEWS

Participou num bazar solidário, no passado fim-de-semana, no hALL Atelier, cujas receitas revertem a favor da APAV. A atriz participou na 1ª edição do 'hALL Cares', evento onde doou peças exclusivas do seu guarda-roupa e onde o valor angariado será entregue, a 100%, à APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Além da missão solidária, esta é também uma iniciativa sustentável, no sentido em que será dada uma nova vida aos artigos já usados. Sofia Ribeiro que está, atualmente, a gravar a novela da TVI "Amar Demais", cantou, em direto nas redes sociais, um tema com Rui Veloso e Sofia Grilo.



Petição que reclama estatuto de vítima para crianças entregue hoje no Parlamento

N.N./Lusa · 22 jul 2020 09:35 · Atualidade

Os defensores da aprovação do estatuto de vítima para crianças inseridas em contexto de violência doméstica entregam hoje no parlamento uma petição pública com mais de 44 mil assinaturas para que o parlamento volte a discutir o tema.

O texto que sustenta a petição e que será entregue ao presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, refere que os estudos demonstram que “as crianças que assistem a episódios de violência na família, e que vivenciam ambientes violentos no seu dia a dia, desenvolvem várias patologias, físicas e psíquicas”, o que afeta o seu desenvolvimento.

Nesse sentido, entendem que a legislação existente não protege as crianças, considerando que “urge por isso aprovar medidas legislativas urgentes que respondam a essa necessidade, garantindo às crianças vítimas esse estatuto legal, o qual, infelizmente, já corresponde ao seu estatuto real”.

A petição é subscrita pela presidente honorária, Manuela Eanes, e da atual presidente, Dulce Rocha, do Instituto de Apoio à Criança, pelo antigo ministro da Administração Interna Rui Pereira, pelo advogado Garcia Pereira, mas também por associações como a Associação Dignidade, Associação de familiares e amigos/as de Vítimas de femicídio- ACF, Associação Das Mulheres Contra A Violência, Mulheres De Braga, Associação Abraço ou a UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta.

A discussão pode assim regressar menos de um ano passado sobre o chumbo em dezembro de 2019 no parlamento de projetos de lei do Bloco de Esquerda e do PAN nesse sentido. Já em maio deste ano o parlamento voltou a debater o tema, a propósito da proposta do Governo para rever o regime jurídico de prevenção da violência doméstica, estando a matéria a ser trabalhada em sede de especialidade.

Petição que reclama estatuto de vítima para crianças vai ser entregue esta quarta-feira

22 jul, 2020 - 09:36 • Lusa

Os defensores da aprovação do estatuto entendem que a legislação existente não protege as crianças.

Os defensores da aprovação do estatuto de vítima para crianças inseridas em contexto de violência doméstica entregam, esta quarta-feira, no Parlamento, uma petição pública com mais de 44 mil assinaturas para que o tema volte a ser discutido.

O texto que sustenta a petição e que será entregue ao presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, refere que os estudos demonstram que “as crianças que assistem a episódios de violência na família, e que vivenciam ambientes violentos no seu dia a dia, desenvolvem várias patologias, físicas e psíquicas”, o que afeta o seu desenvolvimento.

Nesse sentido, entendem que a legislação existente não protege as crianças, considerando que “urge por isso aprovar medidas legislativas urgentes que respondam a essa necessidade, garantindo às crianças vítimas esse estatuto legal, o qual, infelizmente, já corresponde ao seu estatuto real”.

A petição é subscrita pela presidente honorária, Manuela Eanes, e da atual presidente, Dulce Rocha, do Instituto de Apoio à Criança, pelo antigo ministro da Administração Interna Rui Pereira, pelo advogado Garcia Pereira, mas também por associações como a Associação Dignidade, Associação de familiares e amigos/as de Vítimas de femicídio- ACF, Associação Das Mulheres Contra A Violência, Mulheres De Braga, Associação Abraço ou a UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta.

A discussão pode assim regressar menos de um ano passado sobre o chumbo em dezembro de 2019 no Parlamento de projetos de lei do Bloco de Esquerda e do PAN nesse sentido. Já em maio deste ano o Parlamento voltou a debater o tema, a propósito da proposta do Governo para rever o regime jurídico de prevenção da violência doméstica, estando a matéria a ser trabalhada em sede de especialidade.

Ouvida pela Lusa em junho, a Associação de Apoio à Vítima (APAV) defendeu que uma criança deve ser considerada vítima de violência doméstica quando é exposta ao crime e não apenas quando é o destinatário principal da violência exercida, mas criar um estatuto autónomo não é necessariamente a solução.

“Para nós, sempre foi essencial que a criança seja considerada uma vítima de violência doméstica. Não só, como é óbvio, quando é vítima e destinatário primeiro dessa violência, mas também quando é exposta a essa violência. A nossa questão prende-se com haver uma falta de visão integrada do ponto de vista legislativo dos vários tipos de vítimas, dos vários tipos de direitos e de haver muitas vezes apenas a legislação do momento, do impulso, e que isso, em última análise, acaba por tornar menos operacional a lei”, disse o presidente da APAV, João Lázaro.

“Para nós é óbvio que a criança exposta deve ser protegida pela lei. Deve ser, de um ponto de vista da lei que proteja as vítimas de crime e não de começarmos a colecionar estatutos ou a fazermos anexos de estatutos ou ‘puxadinhos’ de estatutos”, disse João Lázaro, que entende que é preciso “pensar nas vítimas de crime face às suas necessidades conforme o tipo de crime do ponto de vista mais integrado, e até mais holístico, do sistema de justiça”.

Prémio APAV distingue trabalhos sobre vítimas de crime

Galardão será concedido ao autor de um trabalho que contribua para o conhecimento dos problemas relacionados com as vítimas de crime, ou para a melhoria da qualidade dos serviços prestados a essas pessoas

BY JULIANA BATISTA 25 DE JULHO, 2020  0



As candidaturas para o 'Prémio APAV para a investigação 2020' estão a decorrer até ao próximo dia 31 de julho. A iniciativa promovida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) parte agora para a sua sexta edição, com o renovado objetivo de premiar trabalhos de investigação científica sobre assuntos relacionados com a missão deste organismo nacional.

Recorde-se que a missão da APAV tem em vista o apoio a vítimas de crime, suas famílias e amigos, assim como "contribuir para o aperfeiçoamento das políticas públicas, sociais e privadas centradas no estatuto da vítima", conforme indica o próprio organismo.

O '[Prémio APAV para a investigação](#)' será concedido a um trabalho desenvolvido em áreas científicas como o Direito, Psicologia, Serviço Social, Sociologia, História, Economia, Saúde, Antropologia, Criminologia, Vitimologia, e, entre outras, Pedagogia. O [formulário de candidatura](#), assim como o [regulamento do concurso](#), encontram-se disponíveis online. A iniciativa conta com o apoio da Fundação Montepio.

APAV apresenta novo número da Revista Miscellanea

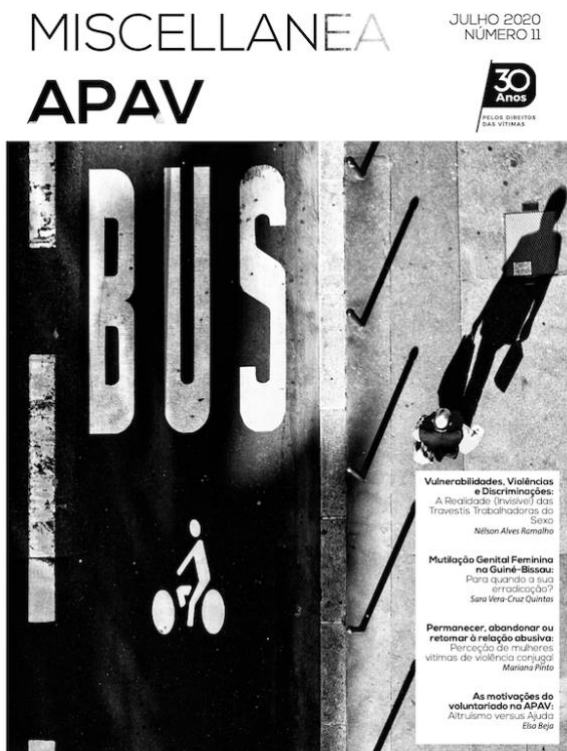
01 JULHO 2020

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima apresenta o **número 11 da Miscellanea APAV**, uma revista promovida pela APAV que tem por finalidade divulgar artigos científicos e de reflexão sobre temas relacionados com vítimas de crime ou com apoio à vítima.

Esta décima primeira edição da Miscellanea APAV reúne quatro artigos: Vulnerabilidades, Violências e Discriminações: A Realidade (Invisível) das Travestis Trabalhadoras do Sexo por Nélson Alves Ramalho; Mutilação Genital Feminina na Guiné-Bissau: Para quando a sua erradicação? por Sara Vera-Cruz Quintas; Permanecer, abandonar ou retomar à relação abusiva: Perceção de mulheres vítimas de violência conjugal por Mariana Pinto; e As motivações do voluntariado na APAV: Altruísmo versus Ajuda por Elsa Beja. Esta edição da Miscellanea APAV é ilustrada com fotografias de Ricardo Rocha.

A revista Miscellanea APAV #11 está disponível para consulta online, nos formatos [PDF](#) e [E-Book](#).

APAV



CULTURA

Jorge Moyano actua no Theatro Circo esta sexta-feira

Julho 9, 2020

por **REDAÇÃO**



Para assinalar o 30º aniversário da APAV, o pianista Jorge Moyano apresenta, esta sexta-feira, 10 de Julho, pelas 21h30 um recital no Theatro Circo, em Braga.

O espetáculo, em que Jorge Moyano interpretará obras de Chopin, Liszt e Gershwin, é de cariz solidário e o valor dos bilhetes reverte para a APAV, para o apoio às vítimas de crime e violência.

Através da música, a APAV brinda todos aqueles que têm partilhado o trabalho e a dedicação destes 30 anos.